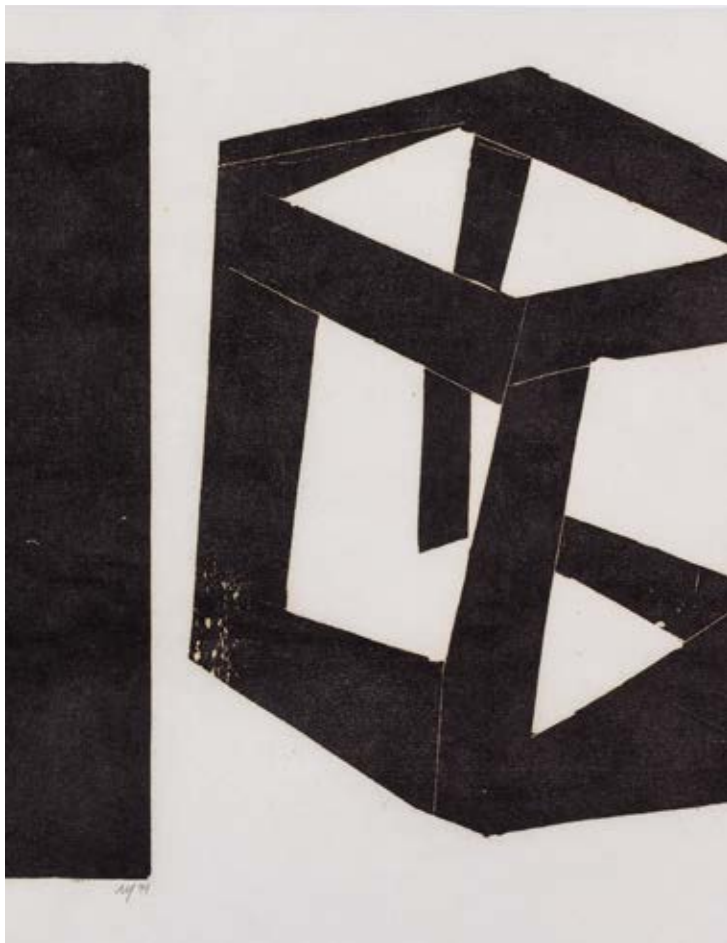


temporada oesp 2019

MINISTÉRIO DA CIDADANIA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO POR
MEIO DA SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA E FUNDAÇÃO
OESP APRESENTAM



CONCERTOS SINFÔNICOS
24, 25 e 26.10

futuros do passado

24.10 quinta 20H30 CARNAÚBA

25.10 sexta 20H30 PAINEIRA

26.10 sábado 16H30 IMBUIA

**ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO
DE SÃO PAULO – OSESP**

NEIL THOMSON REGENTE

CRISTIAN BUDU PIANO

KURT WEILL [1900-50]

Sinfonia nº 2: 3º Movimento

ALLEGRO VIVACE [1934]

7 MIN

CLAUDIO SANTORO [1919-89]

Sinfonia nº 7 - "Brasília" [1959-60]

/CLAUDIO SANTORO 100

ANDANTE. ALLEGRO. MOLTO DECISO

ADAGIO (QUASI RECITATIVO)

SCHERZO: VIVO

ALLEGRO MOLTO

35 MIN

/INTERVALO

20 MIN

ROBERT SCHUMANN [1810-56]

Concerto Para Piano em Lá Menor, Op.54 [1841]

ALLEGRO AFFETTUOSO

INTERMEZZO: ANDANTINO GRAZIOSO (ATTACCA)

ALLEGRO VIVACE

32 MIN

Sinfonia nº 2: 3º Movimento, de Kurt Weill:

Editora original Heugel (M.S.C.).

Representante exclusivo: BARRY EDITORIAL (www.barryeditorial.com.ar).

WEILL

Sinfonia nº 2: 3º Movimento

Quem só conhece o teatro musical de Kurt Weill, a *Ópera dos Três Vinténs*, *Mahagonny*, *Lady in The Dark*, *Um Toque de Vênus* e tantas outras, mal suspeita que há um compositor sinfônico bastante sofisticado por trás do ar pesado da fumaça do cabaré.

Weill estudou com algumas das mais brilhantes mentes musicais de seu tempo, Humperdinck [1854-1921] e Busoni [1866-1924], e compôs a maioria de suas obras de concerto ainda na juventude, incluindo as duas sinfonias. Mas o contínuo aperto financeiro o obrigou a manter empregos como diretor de teatro de revista e pianista correpetidor – experiência que, mais tarde, reemergiu em suas obras dramáticas. Seu fino gosto literário sempre buscou a colaboração dos melhores escritores e um tratamento preciso e individualizado dos textos, tanto em alemão quanto, depois de fugir para os EUA, em inglês. Sua música decadente, sarcástica e dramaticamente rica cria um fascínio mórbido, e hoje é ouvida desde o Metropolitan até os shows de PJ Harvey.

Ao sair da Alemanha em 1933, Weill primeiro parou em Paris, onde escreveu esta *Segunda Sinfonia*, em três movimentos. A estreia em Amsterdã, regida por Bruno Walter, teve uma apreciação crítica tão severa que ele simplesmente abandonou a música de concerto e se dedicou inteiramente ao teatro, até falecer em 1950.

Ao contrário da opressiva *Primeira Sinfonia*, com um programa explícito sobre a condição humana no século XX, esta é uma obra concebida em termos puramente musicais e informada por uma admiração pelo classicismo de Haydn e Mozart, que doma e clarifica a intensidade do contexto expressionista de sua inspiração.

[...]

O terceiro movimento relembra o solo de trompete [que abre a *Sinfonia*] e salta agilmente de ideia em ideia. Uma seção em forma de marcha paródia o *Stechschrift* (tipo de passo marcial) nazista, mas a conclusão parece nos dizer que Weill não estava nada disposto a entregar os pontos.

Claro que Kurt Weill enriqueceu como ninguém o teatro musical nos 17 anos seguintes, mas só podemos lamentar que isso tenha acontecido à custa de abandonar um talento sinfônico tão cintilante.

[2009]

FABIO ZANON

VIOLONISTA E PROFESSOR, É COORDENADOR DO FESTIVAL INTERNACIONAL DE CAMPOS DO JORDÃO E AUTOR DO LIVRO *VILLA-LOBOS* (PUBLIFOLHA, 2009).

SANTORO

Sinfonia n° 7 – “Brasília”

Santoro vivenciou importantes momentos de sua vida na Alemanha, não apenas por conta do período do exílio, durante o qual lecionou na Escola de Música de Heidelberg e Mannheim, mas também pelas obras importantes que compôs e pelas atividades que exerceu naquele país. Pela sua contribuição à cultura alemã, Santoro recebeu a mais alta condecoração oferecida pela nação, o “Bundesverdienstkreuz 1. Klasse”. Uma cidade marcou o compositor de forma especial entre 1960 e 1966: Berlim. Em 1966, convidado pela Ford Foundation e o governo da Alemanha como artista residente, ele começou a escrever obras aleatórias. No mesmo período, começou a se interessar pela pintura, o que resultou em uma série de quadros.

Foi também em Berlim, ainda em 1960, em meio à sua pesquisa de música eletroacústica, que iniciou a composição da *Sétima Sinfonia*, interrompendo sua estadia no castelo de caça de Bistritsa, na Bulgária, onde compôs algumas de suas peças mais conhecidas, como por exemplo a *Sonata n° 4 Para Violino e Piano* e certos *Prelúdios*, alguns dos quais se transformariam posteriormente em canções com letra de Vinicius de Moraes. Santoro tinha várias razões para ter se estabelecido até então em Bistritsa, entre elas a recôndita esperança de poder continuar uma relação com a tradutora russa Lia, pela qual tinha se apaixonado na União Soviética; a possibilidade de realizar lá um necessário tratamento de saúde; além do fato que na Bulgária tinha a possibilidade de viver das divisas provenientes das turnês que tinha realizado pelos então países socialistas. Contudo, essas condições mudaram e ele deixou a Bulgária. Foi nesta época que surgiu a possibilidade de concorrer a um prêmio de um concurso nacional instituído pelo Ministério da Educação e Cultura do Brasil, para a melhor sinfonia sobre a nova capital, para comemorar a fundação da cidade de Brasília.

Santoro estava vivendo entre Berlim, Viena e Rio de Janeiro quando decidiu aceitar um convite do casal de amigos Jeanette e Heitor Alimonda, que estavam morando em Londres. Primeiramente hospedado na casa dos Alimonda e depois morando sozinho, Santoro ficou por mais de um ano em Londres, onde escreveu um musical sobre uma peça da dramaturgia [brasileira] Madalena Nicol [1917-96], que acabou não se concretizando, e regeu sua música para o balé *Zuimáaluti*, patrocinado pela Rainha da Inglaterra, a convite de Dame Margot Fonteyn [bailarina inglesa, 1919-91].

Depois que a *Sétima Sinfonia* foi concluída, Jeannette Alimonda pagou um copista para que pudesse inscrever a obra no concurso brasileiro. Como atestam os jornais da época, Santoro venceu o concurso, mas não recebeu o prêmio. Recebeu, isto sim, um telegrama comunicando que "a obra tinha sido considerada a melhor pelo júri, mas que não era suficientemente importante para receber um prêmio tão distinto". Foi ainda em Berlim, na Semana Cultural da América Latina e em companhia de outros ilustres brasileiros como Guimarães Rosa e Jacques Klein, que Santoro estreou sua *Sétima Sinfonia* com a Orquestra Sinfônica da Rádio de Berlim.

Intitulada "Brasília", a *Sinfonia* foi dedicada aos Alimonda e se situa no período criativo de Santoro comumente chamado de "nacionalista". Provavelmente sua linguagem musical mais conhecida pelo público, o estilo nacionalista é muito bem representado em obras como o *Quarteto de Cordas n° 3*, recentemente executado pelo Quarteto Osesp.

O período nacionalista de Santoro abrange os anos de 1948 a 1960 e foi um rumo artístico motivado por profundas decisões políticas e filosóficas do artista, amplamente manifestado e discutido pelo próprio compositor na época. O domínio desta linguagem atinge seu ápice na *Sétima Sinfonia*, seja na força de expressão e na grandiosidade da instrumentação, seja no lirismo das frases românticas e no uso de temas com afinidades modais, assim como nos riquíssimos elementos rítmicos do terceiro movimento. A *Sétima Sinfonia* não poderia ser mais brasileira, como também não poderia ser mais Santoro.

Segundo o próprio compositor, a *Sétima Sinfonia* representa a construção da nova capital. O quarto e último movimento anuncia o fim da linguagem nacionalista: nas sinfonias seguintes o compositor rompeu definitivamente com esta tradição predominante em suas *Quarta, Quinta, Sexta e Sétima Sinfonias*. Algo estava no ar: foi de novo na própria Berlim, onde Santoro tornou-se testemunha ocular da construção do Muro, que sua escrita mudou radicalmente de rumo, como já é possível perceber no *Concerto Para Violoncelo* e definitivamente na *Oitava Sinfonia*, obras que consolidam a sua volta ao serialismo.

Em 1986, gravando suas memórias, Santoro fala sobre a *Sétima Sinfonia* e de sua conexão com a obra: "... uma das melhores que escrevi, embora seja ainda deste período nacionalista, [...e] uma das melhores execuções que tenho da minha obra sinfônica — essa execução da minha *Sétima Sinfonia* no Festival de Berlim de 1964, com Orquestra Sinfônica da Rádio de Berlim."

ALESSANDRO SANTORO

MESTRE EM PIANO PELO CONSERVATÓRIO TCHAIKOVSKY (MOSCOU)

E EM CRAVO PELO KONINKLIJK CONSERVATORIUM (HAIA), ONDE FOI

TAMBÉM PROFESSOR, O FILHO DE CLAUDIO SANTORO RESPONDE PELO

ACERVO MATERIAL E VIRTUAL DO COMPOSITOR E LECIONA NA EMESP.

SCHUMANN

Concerto Para Piano em Lá Menor

O *Concerto Para Piano em Lá Menor*, de Robert Schumann, foi completado em 1845, mas suas origens se encontram alguns anos antes, num período que é provavelmente o mais fértil de sua carreira e o de mais plena felicidade em sua vida pessoal. Para melhor entender esse momento, vale a pena retroceder um pouco. Durante a década de 1830, Schumann passou anos de aflição e espera pelo amor de Clara, jovem e talentosa pianista, filha de seu professor Friedrich Wieck. O pai da moça fez o que pôde para separar o casal, que se comunicava apenas por meio de cartas secretas. Em 1837, assumiram um compromisso às escondidas e, em 1839, tomaram medidas legais que tornaram desnecessário o consentimento de Wieck.

Ao mesmo tempo, Schumann vivia o dilema de ser um virtuose do piano ou um compositor, e os esforços desesperados para desenvolver a técnica pianística acabaram por prejudicar seriamente dois dedos de sua mão direita. Todo esse processo resultou em períodos de depressão profunda. Ainda assim, durante a década de 1830, escreveu grande parte de seus ciclos para piano hoje célebres, como *Carnaval Op.9*, *Cenas Infantis*, *Estudos Sinfônicos Op.13* e *Kreisleriana*.

Vencida essa etapa de aflição e dificuldades, o casal Clara e Robert Schumann conseguiu oficializar sua relação em 1840. Chegamos então ao período mencionado no início: nesse mesmo ano de 1840, Schumann escreveu nada menos do que 138 dos seus 248 *Lieder* — incluindo alguns de seus melhores ciclos, como o *Dichterliebe*. Se este foi o “ano da canção”, o seguinte seria o das primeiras realizações sinfônicas. Sobre 1841, Schumann escreveu em seu diário: “Poucos acontecimentos, felicidade plena”¹

É certo que se referia ao contentamento que a união com sua amada Clara lhe trazia e da qual nasceria uma

¹ Massin, Brigitte, “Robert Schumann”. In Massin, Jean & Brigitte (org.). *História da Música Ocidental*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 730.

extensa prole de treze rebentos. Além disso, a verve criativa do compositor continuou intensa, e ele se voltou para a música orquestral, escrevendo, entre outras, sua *Sinfonia nº 1* e iniciando a *nº 2*. Nesses trabalhos, nota-se a importância atribuída à unidade temática entre os movimentos, paradigma amplamente explorado no período romântico, em formas que vão desde a ideia fixa (*idée fixe*) proposta por Berlioz na *Sinfonia Fantástica* até o *leitmotiv* das óperas de Wagner.

É também em 1841 que ele compõe a *Fantasia Para Piano e Orquestra*, dedicada a Clara. Se a *Fantasia* acabou por desaparecer do repertório, é apenas porque ela se tornou o primeiro movimento do *Concerto Para Piano*, que Schumann terminou em 1845, e é, provavelmente, sua obra mais famosa.

As oscilações de humor que caracterizam muito da música de Schumann estão expressas de modo bem claro neste *Concerto*. No entanto, como em suas demais obras orquestrais, há uma clara preocupação de unidade temática, que não foi afetada pelo intervalo entre a composição do primeiro movimento e a dos demais. Em contraste com boa parte do repertório romântico, no qual um concerto é também um veículo para a exibição de virtuosidade do solista (como no caso de algumas obras de Liszt e dos concertos de Paganini), aqui o piano, acima de tudo, dialoga de maneira profunda com a escrita orquestral. Logo após a introdução, é apresentado o primeiro tema, a principal fonte de material melódico de toda a peça. Ainda que as demandas técnicas para o solista não sejam poucas, elas se relacionam sempre ao desenvolvimento temático e à estrutura geral da peça, escrita em três movimentos. [...]

[Texto para a *Revista Osesp*, nov-dez 2014]

CAMILA FRESCA

É JORNALISTA, COLABORADORA DA REVISTA

CONCERTO E PESQUISADORA MUSICAL.



ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

—
Fundada em 1954 e hoje reconhecida internacionalmente por sua excelência, desde 2005 é administrada pela Fundação Osesp. Em 2012, Marin Alsop tornou-se Regente Titular, tendo sido nomeada Diretora Musical em 2013 (até o fim de 2019). Em 2020, Thierry Fischer assumirá o posto de Diretor Musical. Em 2016, a Orquestra esteve nos principais festivais da Europa e, em 2019, realizou turnê pela China e Hong Kong. No ano passado, a gravação das *Sinfonias* de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karabtschewsky — projeto que se soma a seus mais de 80 álbuns lançados — recebeu o Grande Prêmio da *Revista Concerto* e o Prêmio da Música Brasileira.



NEIL THOMSON REGENTE

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM OUTUBRO DE 2019

—
Diretor Artístico e Regente Titular da Orquestra Filarmônica de Goiás desde 2014, o maestro inglês foi Regente Titular do Royal College of Music de 1992 a 2006. Já gravou com a Orquestra Sinfônica de Londres e atuou em concertos com as Filarmônicas da BBC, de Tóquio e a Sinfônica do Porto Casa da Música (Portugal), além da Osesp. Conceituado professor de regência, lecionou no Mozarteum em Salzburgo, na Academia de Música de Cracóvia e em diversos festivais, incluindo o Festival de Inverno de Campos do Jordão.



CRISTIAN BUDU PIANO

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM JULHO DE 2017

—
Vencedor do Concurso Internacional Clara Haskil (2013), na Suíça, o pianista brasileiro recebeu prêmios como Instrumentista do Ano da APCA (2017) e entrou em duas listas "Top 10" da *Gramophone*. Em 2019, colabora com Renaud Capuçon e toca um recital solo no Verbier Festival. Já solou à frente da Orquestra Sinfônica de Lucerna e Orquestra Sinfônica da Rádio de Stuttgart. É criador do projeto Pianosofia.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DIRETORA MUSICAL E REGENTE TITULAR
MARIN ALSOP

VIOLINOS

EMMANUELE BALDINI ^{SPALLA}
DAVI GRATON ^{SPALLA***}
YURIY RAKEVICH
LEV VEKSLER ^{***EMÉRITO}
ADRIAN PETRUTIU
IGOR SARUDIANSKY
MATTHEW THORPE
ALEXEY CHASHNIKOV
AMANDA MARTINS
ANDERSON FARINELLI
ANDREAS UHLEMANN
CAMILA YASUDA
CAROLINA KLIEMANN
CÉSAR A. MIRANDA
CRISTIAN SANDU
DÉBORAH WANDERLEY DOS SANTOS
ELENA KLEMENTIEVA
ELINA SURIS
FLORIAN CRISTEA
GHEORGHE VOICU
INNA MELTSEY
IRINA KODIN
KATIA SPASSOVA
LEANDRO DIAS
MARCIO AUGUSTO KIM
PAULO PASCHOAL
RODOLFO LOTA
SORAYA LÂNDIM
SUNG-EUN CHO
SVETLANA TERESHKOVA
TATIANA VINOGRADOVA

VIOLAS

HORÁCIO SCHAEFER ^{EMÉRITO}
MARIA ANGÉLICA CAMERON
PETER PAS
ANDRÉS LEPAGE
DAVID MARQUES SILVA
ÉDERSON FERNANDES
GALINA RAKHIMOVA
OLGA VASSILEVICH
SARAH PIRES
SIMEON GRINBERG
VLADIMIR KLEMENTIEV
ALEN BISCEVIC*

VIOLONCELOS

HELOISA MEIRELLES
RODRIGO ANDRADE SILVEIRA
ADRIANA HOLTZ
BRÁULIO MARQUES LIMA
DOUGLAS KIER
JIN JOO DOH
MARIA LUÍSA CAMERON
MARIALBI TRISOLIO
REGINA VASCONCELLOS
WILSON SAMPAIO

CONTRABAIXOS

ANA VALÉRIA POLES
PEDRO GADELHA
MARCO DELESTRE
MAX EBERT FILHO
ALEXANDRE ROSA
ALMIR AMARANTE
CLÁUDIO TOREZAN
JEFFERSON COLLACICO
LUCAS AMORIM ESPOSITO
NEY VASCONCELOS

HARPA

LIUBA KLEVTSOVA

FLAUTAS

CLAUDIA NASCIMENTO
FABÍOLA ALVES PICCOLO
JOSÉ ANANIAS SOUZA LOPES
SÁVIO ARAÚJO

OBOÉS

ARCÁDIO MINCZUK
JOEL GISIGER
NATAN ALBUQUERQUE JR. CORNE INGLÊS
PETER ÁPPS
RICARDO BARBOSA

CLARINETES

OVANIR BUOSI
SÉRGIO BURGANI
NIVALDO ORSI CLARONE
DANIEL ROSAS
GIULIANO ROSAS

FAGOTES

ALEXANDRE SILVÉRIO
JOSÉ ARION LINÁREZ
ROMÉU RABELO CONTRAFAGOTE
FRANCISCO FORMIGA

TROMPAS

LUIZ GARCIA
ANDRÉ GONÇALVES
JOSÉ COSTA FILHO
NIKOLAY GENOV
LUCIANO PEREIRA DO AMARAL
EDUARDO MINCZUK

TROMPETES

FERNANDO DISSENHA
GILBERTO SIQUEIRA ^{EMÉRITO}
ANTONIO CARLOS LOPES JR. ...
MARCELO MATOS

TROMBONES

DARCIO GIANELLI
WAGNER POLISTCHUK
ALEX TARTAGLIA
FERNANDO CHIPOLETTI

TROMBONE BAIXO

DARRIN COLEMAN MILLING

TUBA

FILIPPE QUEIRÓS

TÍMPANOS

ELIZABETH DEL GRANDE ^{EMÉRITO}
RICARDO BOLOGNA

PERCUSSÃO

RICARDO RIGHINI ^{1º PERCUSSÃO}
ALFREDO LIMA
ARMANDO YAMADA
EDUARDO GIANESELLA
RUBÉN ZÚÑIGA

TECLADOS

OLGA KOPYLOVA

(*) MÚSICO CONVIDADO

(***) CARGO INTERINO

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS
EM ORDEM ALFABÉTICA, POR
CATEGORIA. INFORMAÇÕES
SUJEITAS A ALTERAÇÕES.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNADOR
JOÃO DORIA

SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO

SECRETÁRIO
SERGIO SÁ LEITÃO

SECRETÁRIA EXECUTIVA
CLÁUDIA PEDROZO

FUNDAÇÃO OSESP

PRESIDENTE DE HONRA
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE
PEDRO PULLEN PARENTE

VICE-PRESIDENTE
ANTONIO CARLOS QUINTELLA

CONSELHEIROS
ENEIDA MONACO
HELIO MATTAR
LUIZ LARA
MARCELO KAYATH
MÔNICA WALDVOGEL
PAULO CEZAR ARAGÃO
STEFANO BRIDELLI

DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES

DIRETOR ARTÍSTICO
ARTHUR NESTROVSKI

SUPERINTENDENTE
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA



Lei de Incentivo à
CULTURA



REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OESP



Secretaria de
Cultura e Economia Criativa

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



OBRA DA CAPA

Alberto Martins

São Paulo, SP, 1958

Sem título, 1999

xilogravura sobre papel

37 x 47 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Doação da Associação Cultural dos Amigos dos

Museus Castro Maya, 2003

Crédito fotográfico: Isabella Matheus

Serviços Sala São Paulo

   /osesp

osesp.art.br

salasaopaulo.art.br

fundacao-osesp.art.br